

## ELAS NA IMPRENSA: O Papel da Mulher Frente à Comunicação em Três Lagoas

**Estefani D. S. Cruz**

Graduanda em Jornalismo,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Rafael Furlan Lo Giudice**

Doutor em Comunicação – UNIP; Mestre em Linguística – UNIFRAN;  
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Luan Luis Martins**

Pós-graduado em Comunicação Corporativa e Marketing – UNIARA;  
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

### RESUMO

O trabalho tem como objetivo principal a inserção da mulher no jornalismo. A princípio, será contada uma breve história do jornalismo: como começou e qual foi o primeiro jornal a ser feito no mundo e no Brasil. Após isso, será abordado o assunto da mulher no jornalismo. Serão feitas pesquisas que em sua maioria são empíricas. O tópico principal a ser discutido ao decorrer do trabalho será a mulher jornalista em Três Lagoas; serão exemplificadas ao longo do trabalho a quantidade de mulheres que trabalham em um veículo de áreas da comunicação, sendo: rádio, televisão e assessoria de imprensa.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulher; jornalismo três lagoense; meios de comunicação.

### 1 INTRODUÇÃO

A origem do jornalismo no mundo ainda não é certa e não se sabe quem foi o pioneiro do jornalismo. Entretanto, a pessoa de maior notoriedade no início do mundo jornalístico foi o Imperador Romano Julio César, criador do Acta Diurna, o primeiro jornal que se tem notícia.

A fim de se entender o início do jornalismo no mundo, para que a partir disso possa dar continuidade a inserção da mulher no jornalismo, coloca-se nesse trabalho uma breve introdução, para logo após dar início ao tema e as mulheres no jornalismo três lagoense.

O Acta Diurna foi criado no ano de 59 a.C e seu conteúdo tinha cunho social, servia como um diário oficial e falava também sobre política e as conquistas do reino. O público era principalmente a população do Império. Era escrito em grandes placas brancas e expostas em locais públicos onde circulavam muitas pessoas, o objetivo era que uma grande quantidade de gente pudesse ter acesso às notícias.

A criação do Acta Diurna veio para que as pessoas tenham direito a informação, entretanto, as notícias estavam sempre dias ou até semanas atrasadas devido ao modo de transportação: era sempre a pé ou através de navios.

Depois de certo tempo, as *actas* passaram por um processo divisão, cada área de notícias era apresentada em uma Acta e tinha seu direcionamento aos públicos específicos. Foram então divididas em: *Acta Populi*<sup>1</sup>, *Acta Civilia*, *Acta Judiciaria*<sup>2</sup> e *Acta Militaria*<sup>3</sup>.

Outro divisor de águas no jornalismo foi Johannes Gutenberg, inventor da máquina de imprensa em 1447, uma das mudanças mais significativas da época no quesito impressões de livros e jornais, dando início a era intitulada de Jornal Moderno.

A prensa era uma máquina de impressão tipográfica, em que os conteúdos a serem transmitidos ao público eram colocados em uma prancha onde eram dispostos os tipos, ou caracteres, móveis. Esses tipos móveis eram que símbolos gráficos: letras, números e pontos moldados em chumbo. Um só molde desses tipos, alimentado com tinta, poderia imprimir inúmeras cópias de um mesmo texto em questão de horas. Um grande avanço na época, diferentemente do uso das *actas* que atrasavam sempre.

Não era mais necessário copiar à mão as palavras. Eram feitos os moldes com os caracteres móveis e, a partir dele, imprimiam-se quantas cópias o estoque de tinta à base de óleo suportasse. O nome que passou a ser dado ao conjunto de papéis impressos em caracteres móveis foi códice.

## 1.1 A História do Jornalismo no Brasil

### 1.1.1 Correio Braziliense

Considerado o primeiro jornal do Brasil, o Correio Braziliense, de Hipólito da Costa, fez total diferença para a história do jornalismo no país. Criado em junho de 1808, apesar de editado em Londres, suas notícias eram sobre o Brasil, com ênfase na independência do país na época.

O Correio Braziliense era editado mensalmente e tinha como subtítulo Armazém Literário. Era impresso em uma prensa hipográfica, tinha formato de livro e

<sup>1</sup> Acta Populi ou Acta Diurna: primeiro jornal conhecido, tinha como objetivo divulgar os principais acontecimentos do Império Romano.

<sup>2</sup> Acta Judiciária: sentenças judiciais.

<sup>3</sup> Acta Militaria: registros de nomes de homens incorporados nas Legiões.

uma média de 100 páginas. Era trazido para as terras brasileiras de forma clandestina, já que Hipólito estava exilado em Londres devido às perseguições de D. João VI, que havia proibido o jornal por cunho totalmente pessoal: Hipólito escrevia matérias que criticavam duramente a forma de governar do imperador. O jornal defendia a liberdade de imprensa, difundia os avanços da ciência e novas ideias culturais e artísticas.

Brasileiros e portugueses podiam acompanhar pelo Correio Braziliense fatos internacionais, tomar conhecimento de teorias iluministas e de novos conceitos de economia. O fim da Inquisição, da escravatura e da censura era defendido por Hipólito da Costa no jornal e isso preocupava D. João, já que as pessoas poderiam não aprovar mais seu governo e isso traria complicações.

O imperador não queria que o povo tivesse acesso ao conhecimento para que não desenvolvesse senso crítico, o que botaria em risco a relação metrópole-colônia de Portugal e Brasil. Entretanto, apesar de tudo isso, o exilamento e o imperador colocando barreiras, o Correio continuou sendo publicado.

Após um tempo, D. João propôs a Hipólito que parasse com as críticas à sua forma de governar, em troca, o imperador bancaria os custos da produção do jornal. A proposta então foi aceita e o jornal Correio Braziliense continuou com seu teor liberal e anti-monarquista, entretanto, em harmonia com D. João. Em 1822, Hipólito encerrou a publicação do jornal, pois tinha conquistado seu maior objetivo: a independência do Brasil.

### 1.1.2 A Inserção da Mulher no Jornalismo

O jornalismo exercido por mulheres começa a alcançar sua posição de prestígio, algo conquistado com muita luta ao longo dos anos e que ainda tem muito a caminhar, porém já começam a fazer diferença.

A entrada das mulheres no jornalismo aconteceu, de maneira geral, a partir da sua inserção em veículos da imprensa alternativa<sup>4</sup>, no século XIX. A história da entrada da mulher na esfera pública da sociedade foi processo gradativo. Pode-se dizer que data do século XVII com Revolução Francesa, a busca dos direitos sociais, entre eles, os direitos da mulher.

---

<sup>4</sup> Foi um espaço importante de crítica ao regime militar, de divulgação de denúncias, e de debate das organizações de esquerda. Por meio do humor, da análise política ou da informação, esses jornais e revistas alternativos cumpriram um papel fundamental de oposição e resistência à ditadura no Brasil.

Amplia-se no início do século XIX na Europa e, por decorrência, no Brasil, com mulheres que refletem e buscam um lugar ao sol. Em nosso país, a história registra a presença significativa de mulheres, desde o tempo do Brasil colônia, depois as famílias burguesas, em diferentes regiões e suas lutas, incluindo diferentes categorias, entre elas, educadoras, trabalhadoras e também pobres.

O primeiro jornal criado e feito pelo gênero feminino teve início em 1852 e se chamava Jornal das Senhoras. O principal objetivo era promover a emancipação moral e intelectual da mulher.

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos". E assim, "elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência - à hierarquia, à disciplina - que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço (PERROT, 1985, p. 212).

Um marco na história das mulheres jornalistas, o Jornal das Senhoras ganhava vida com um discurso emancipacionista. Foi criado por Joana Paula Manso de Noronha e circulava aos domingos na cidade do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro exemplar iniciado com a frase "Ora, pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?", uma frase irônica e que fazia crítica as pessoas na época que acreditavam que mulheres não podiam ter voz ativa ou fazer algo que não fosse relacionado a tarefas de casa. A ideia de uma mulher escrevendo textos e mostrando-os ao mundo era praticamente nula, não passava pela cabeça de ninguém que algo assim iria acontecer.

O objetivo principal do Jornal era dar voz as mulheres e mostrar que elas tinham potencial suficiente para fazer algo intelectual, inteligente e que pudessem expressar suas opiniões e serem ouvidas.

Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do império, Metropoli do sul d'America, acolherá de certo com satisfação e symphatia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher (JORNAL DAS SENHORAS, n. 1, 1 de janeiro de 1852).

Os assuntos variavam entre teatro, moda, literatura, belas-artes e críticas. Sua forma de publicação era interessante, levando em consideração que as mulheres não assinavam seus textos e deixavam no anonimato, sendo assim,

corriam menos risco de serem censuradas.

Tais tópicos sendo abordados em um jornal para mulheres e escritos pelas mesmas, tiveram grande importância na emancipação da mulher e com isso, as autoras dos textos ajudaram também suas companheiras de gênero a entender que elas tinham finalmente liberdade de ler conteúdos direcionados realmente a elas e sua voz agora começava a ser ouvida.

O Jornal das Senhoras deu vida a uma era que até então, era inimaginável. Mostra que as mulheres podem conquistar seu lugar no mundo, sendo mulheres. Apesar de ter sido uma época difícil, o começo da conquista por espaço começava a crescer e a mulher sendo vista como produtora de cultura, estava em um auge mais alcançável.

Na época, houve uma surpresa positiva, o jornal começou a receber elogios das pessoas, incluindo os homens que também eram leitores. Com isso, a produção de conteúdo começou a aumentar e outros jornais destinados as mulheres tiveram início no século XIX.

O Jornal das Senhoras foi de fato o percussor da mulher vista como produtora de conteúdo e mostra que a jornalista feminina direcionando um jornal, é possível e elas são tão capacitadas quanto os homens para exercer funções que até então eram masculinizadas. Após seu fim em 1855, deixou vários “ecos” na época, sendo alguns deles Belo Sexo, Nós Mulheres, Mulherio; A Família.

## **1.2 Da Academia ao Mercado**

### **1.2.1 O Ensino Acadêmico do Jornalismo no Brasil**

A primeira escola de jornalismo no Brasil é a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, fundada em 1947, sendo também a primeira escola da América Latina. Entretanto, logo no início, as faculdades eram criadas como de Comunicação Social e não Jornalismo especificadamente. Os dois primeiros anos eram para Comunicação Social em geral, e os outros dois específicos para o Jornalismo.

Já a primeira Universidade do Brasil a mudar de Comunicação Social para Jornalismo, foi a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dando aos discentes de Jornalismo a oportunidade de estudar o curso como um todo, tendo quatro anos e formando profissionais mais capacitados por abranger o Jornalismo em toda sua importância. Porém, como muito se vê no cenário acadêmico brasileiro,

muitas faculdades do país ainda continuam sendo de Comunicação Social e formam profissionais de comunicação e jornalistas.

Durante o período de ditadura militar (1964 a 1985), não foram só as pessoas que sofreram com a intervenção, as universidades do país também não ficaram de fora da estatística da época. Professores e alunos tinham suas atitudes muitas vezes silenciadas e os conteúdos também. A represaria do Governo dificultava o ensino e muitos professores foram impedidos de dar aula e alunos de estudar, sem contar as perseguições e a violência de forma gigantesca, atitudes características da ditadura.

De acordo com o Censo do Ensino Superior, feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INESP), a procura pelos cursos de Jornalismo no país aumenta dia após dia. Em 1960, logo no início do jornalismo nas universidades, o país possuía apenas sete faculdades. Já na década de 1990, somava-se 70 faculdades. E segundo outra pesquisa fornecida pela Diretoria de Informações e Estatísticas Educacionais (SEEC), do Ministério da Educação (MEC), no Brasil em 1998, existiam mais de 125 cursos de Comunicação Social<sup>5</sup>. No ano de 2005, havia mais de 300 cursos de jornalismo no país.

Atualmente, de acordo com o MEC em 2017, estima-se que hoje existem quase 400 faculdades que possuem graduação para o curso de jornalismo no Brasil, dividido em instituições privadas e públicas. Ou seja: a procura por uma graduação em jornalismo cresce com o passar do tempo esse e a tendência é que daqui há alguns anos, esse número aumente cada vez mais.

### 1.2.2 O Ensino Acadêmico de Jornalismo em Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul conta com sete faculdades de jornalismo atualmente, de acordo com o Ranking Universitário da Folha (RUF) de 2015, são elas: Faculdades Integradas de Três Lagoas (AEMS); Em Campo Grande, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande (FESCG). E em Dourados, Faculdade Anhanguera de Dourados (FAD), Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) e Universidade Anhanguera (UNIDERP).

A primeira Universidade do Estado é a Universidade Federal de Mato

---

<sup>5</sup> De acordo com o MEC, comunicação social abrange também outras habilitações, sendo elas: Cinema e Vídeo, Radialismo, Rádio e Televisão e Publicidade e Propaganda.

Grosso do Sul (UFMS), fundada em 1989. Devida a volta da graduação de Comunicação Social – em que o aluno pode escolher após os dois primeiros anos qual vertente irá estudar – algumas instituições mudaram sua forma de ensino e aderiram isso para suas grades, temos como exemplo a Faculdade Integradas de Três Lagoas (AEMS) que conta em seu quadro de alunos, o primeiro ano da instituição sendo de Comunicação Social.

De acordo com pesquisa feita no próprio site das instituições, todas as faculdades do Estado contam com oito semestres de graduação e o Trabalho de Conclusão de Curso sendo apresentado no último semestre do curso.

Apesar da estrutura curricular não ser a mesma entre todas as instituições, pode-se notar que algumas matérias estão em comum, como por exemplo: Teoria da Comunicação, Teoria e Prática do Jornalismo e matérias que tem como tema a região de Mato Grosso do Sul, a política do país e a cultura.

### 1.2.3 A Inserção da Mulher na Academia

A entrada da mulher na vida acadêmica não foi fácil, inclusive sua inserção em outras áreas. Como já vem sendo discutido ao decorrer desse trabalho, as mulheres batalharam e se empenharam muito para terem seus direitos aos estudos aceitos pela sociedade, e de acordo com as pesquisas, hoje compõem a maioria das discentes nas Universidades do país.

Com base em pesquisas feitas pelo INEP em 2016, a porcentagem de mulheres no curso de jornalismo está em cerca de 77%, divididas em cor e raça, sendo elas: brancas, pardas, pretas e indígenas.

**Gráfico 1. Quantidade de acadêmicos matriculados em cursos de jornalismo no país.**



Fonte: Adaptada de INEP, 2016.

## 2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é descrever a inserção e ascensão da mulher no jornalismo, além de discutir a atuação da mulher frente à comunicação três lagoense.

## 3 MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração do presente trabalho foi realizada pesquisa empírica e quantitativa. A empírica foi escolhida por sua aproximação com os veículos de comunicação da cidade e a quantitativa para exemplificar de forma clara a quantidade relativa de colaboradores que trabalham nesse veículo. Além de fazer a contabilização de mulheres, foram estudadas também as que têm ou não formação acadêmica em jornalismo.

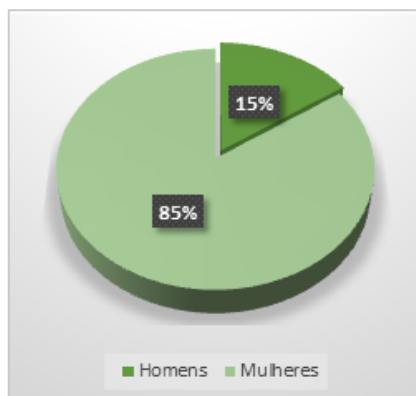
Para o embasamento teórico, utilizaram-se livros, textos de publicações em revistas acadêmicas, monografias, dissertações e obras científicas.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 A Mulher Acadêmica das Faculdades Integradas de Três Lagoas (FITL)

Atualmente em Três Lagoas (MS), somente a FITL tem o curso de Comunicação Social – Jornalismo. Reconhecido pelo MEC (2006), há três turmas matriculadas com um total de 13 alunos, destes, 11 são do gênero feminino (Gráfico 2). As classes do primeiro e do terceiro anos são compostas apenas por meninas.

**Gráfico 2. Quantidade relativa de acadêmicos matriculados no Curso de Jornalismo das FITL.**



Fonte: Elaborado pelos autores.

## 4.2 A Mulher no Telejornalismo Treslagoense

O Telejornalismo passa por constantes mudanças, desde o início de suas atividades, em 1950 com a pioneira TV Tupi, até os dias atuais. Na década de 50 a população via um telejornalismo totalmente diferente do que vê agora, em decorrência de Ditadura Militar e até dos recursos técnicos da época.

O profissional que atua na área da televisão é visto como alguém muito importante, pois está sempre em evidência na mídia, já que seu rosto é sua marca registrada. Além disso, tem que constantemente se reinventar e atualizar seus comportamentos para que o jornalismo não seja visto como algo extremamente culto, mas sim como algo interessante e que atraia a atenção do telespectador.

Em 1956, o país teve Maria Edith Mendes sendo a primeira mulher repórter no país. Sua cobertura foi de evento no Jôquei Clube de São Paulo, uma reportagem com cunho cultural e de menor credibilidade na época. Mesmo que a inserção de mulheres no jornalismo estivesse crescendo, elas ainda não faziam pautas de grande notoriedade. Já a pioneira no telejornalismo, como âncora, foi Vera Rossi, apresentando o telejornal *Informativo Panair*.

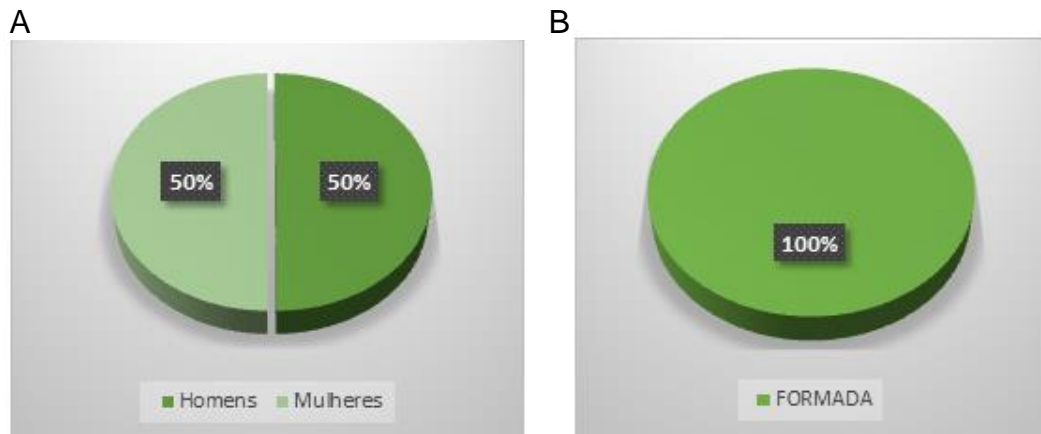
Antigamente, os telespectadores viam muito menos mulheres, do que atualmente. Hoje em dia, ligando a televisão facilmente vemos mulheres dividindo bancadas de telejornais. Temos como exemplo as âncoras do “*Fala Brasil*” Carla Cecato e Roberta Piza, telejornal exibido na Rede Record ou também em alguns momentos Sandra Annenberg e Renata Vasconcellos no “*Jornal Nacional*”, exibido pela Rede Globo.

As mulheres avançaram em estruturas sociais que eram exclusivamente dos homens e passaram a dividir com eles a responsabilidade da construção da sociedade. (...) Tornaram-se senhoras da história e ocuparam uma das estruturas mais importantes do poder que é a mídia. Não mais apenas como personagens das reportagens, mas como realizadoras do jornalismo. (...) Não é fácil vencer em uma profissão ainda marcada pelo preconceito, machismo e rivalidades de toda ordem (HABIB, 2005, p.13).

A TV Morena é afiliada da Rede Globo há 45 anos, é uma das mais modernas do país. Transmite o seu sinal para todo o Mato Grosso do Sul.

De acordo com as pesquisas realizadas, a TV Morena é composta por duas pessoas, um homem e uma mulher (Gráfico 3A), sendo que somente esta última é formada (Gráfico 3B).

**Gráfico 3. Números relativos de colaboradores e formados da TV Morena.**



A – número relativo de colaboradores. B – número relativo à formação acadêmica.

Fonte: Elaborado pelos autores.

### 4.3 A Mulher no Radiojornalismo Três Lagoense

O rádio é considerado o veículo de maior rapidez em compartilhamento de informação. Através de suas ondas eletromagnéticas em diferentes frequências de transmissão, as notícias chegam ao ouvinte de forma instantânea, uma das suas vantagens desde o princípio. É também o meio de comunicação de maior interação, tendo invista a oportunidade de ouvintes participarem da programação por meio de músicas, pedindo conselhos, dicas, informando sobre alguma notícia que aconteceu naquele exato momento e etc.

Os jornais de rádio, não importa a hora em que estejam no ar, devem estar à frente de outros veículos. Uma de suas características é que, ao contrário da televisão ou o impresso, não vai ao estúdio fechado. É um jornal aberto que não se limita à divulgação dos fatos ocorridos. A edição vai alterando na medida em que o âncora aprofunda os assuntos com entrevistas, e os repórteres, correspondentes e redatores vão apresentando novas notícias (BARBEIRO, 2001, p. 14).

A primeira mulher brasileira no radiojornalismo foi Zita de Andrade Lima, uma pesquisadora e professora com grande importância tanto no rádio em geral, quanto na inserção feminina no meio. Zita fez a primeira dissertação de Mestrado especializada em rádio, em 1967 na Universidade de Brasília.

Apesar de várias mulheres atuarem como locutoras em programas de rádio, a presença delas ainda é percebida em maior quantidade nos programas de variedade e/ou com editorias de lazer. A maioria das produções jornalísticas é conduzida por homens. De acordo com um estudo feito por Lenize Villaça Cardoso<sup>6</sup>,

<sup>6</sup> Jornalista e Professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

a participação feminina no rádio ainda é pequena, apesar de os trabalhos do gênero na área já terem aumentado desde 2000. Ou seja, mesmo com o aumento das mulheres no rádio, a porcentagem não é tão grande quanto a inserção da mulher em uma Assessoria de Imprensa, por exemplo.

Em Três Lagoas, a estatística não está muito diferente do quadro geral de mulheres no rádio. De acordo com pesquisa empírica feita, pode-se notar a diferença de mulheres e homens compondo a equipe de pessoas.

As rádios Cultura FM e Band, ambas do Grupo RCN de Comunicação com 10 funcionários, apenas três são mulheres e dessas três, uma é formada em Jornalismo, entrando na estatística de mulheres em minoria no rádio: são 10 pessoas no total, sendo 7 homens e 3 mulheres. Logo, as mulheres correspondem a 30% dos colaboradores (Gráfico 4A) e 67% em relação à formação acadêmica (Gráfico 4B).

**Gráfico 4. Números relativos de colaboradores e formados das rádios Cultura FM e Band.**



A – número relativo de colaboradores. B – número relativo à formação acadêmica.

Fonte: Elaborado pelos autores.

#### 4.4 A Mulher na Assessoria de Imprensa em Três Lagoas

A assessoria de imprensa é uma das áreas de maior importância no jornalismo, pois é ela que cuida da imagem de uma pessoa, veículo, órgão público e empresa. É através de um assessor de imprensa que as pessoas ficam sabendo informações sobre o que acontece com o assessorado.

O pioneiro nessa área do jornalismo é o norte-americano Ivy Lee, que trabalhava em uma editoria de economia de jornais e logo após começou a trabalhar com John D. Rockefeller, fundador da empresa Standard Oil. O empresário queria divulgar informações sobre sua indústria, e foi nesse momento que Ivy Lee entrou em ação com suas estratégias de comunicação com a imprensa.

A modernização da sociedade trouxe ao ser humano a necessidade de obter cada vez mais informação, o que, em larga escala, levou ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa [...] para intermediar e aprimorar esse processo, surgiu a Assessoria de Imprensa que, apesar de o nome sugerir, não está a serviço da imprensa, mas faz o contato a partir da empresa e se relaciona permanentemente com ela (CHINEM, 2003, p. 11).

A cidade de Três Lagoas conta com a Prefeitura Municipal na parte de assessoria. De acordo com pesquisa empírica, os veículos contam com um quadro diversificado de colaboradores. Os colaboradores totalizam 14, sendo que 6 são mulheres (43%) e 8 homens (57%) (Gráfico 5A). Apesar das mulheres serem minoria, as mulheres com formação acadêmica contabilizam 67% (Figura 5B), número que agrega valor na mulher jornalista da assessoria de imprensa.

**Gráfico 5. Números relativos de colaboradores e formados da prefeitura da cidade de Três Lagoas.**



A – número relativo de colaboradores. B – número relativo à formação acadêmica.  
**Fonte:** Elaborado pelos autores.

## 5 CONCLUSÕES

Levando em conta os conceitos estudados, esse breve recorte teórico buscou entender sobre o início do jornalismo no Brasil, a inserção da mulher na profissão com o primeiro jornal escrito por mulheres e para mulheres.

Logo a seguir, foi contada a história da primeira Universidade de Comunicação no país e sobre as Universidades que o Estado de Mato Grosso do Sul possui e falando especificadamente sobre as Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS e sobre as principais e mais conhecidas áreas do jornalismo, sendo elas: rádio, televisão e assessoria de imprensa.

Conclui-se então a história de luta do gênero feminino na profissão, desde o

início até aqui. Três Lagoas foi usada como base para exemplificar melhor a estatística nacional e mostrar quais áreas estão na estatística e quais estão diferentes, de acordo com as pesquisas.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, H. Manual de Radiojornalismo. São Paulo: Elsevier, 2001.

CHINEM, R. Assessoria de Imprensa: Como Fazer. São Paulo: Summus, 2003.

HABIB, L. Jornalista: Profissão Mulher - Prefácio de Heródoto Barbeiro. São Paulo: Sapienza, 2005

Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, 1852.

PERROT, M. Os Excluídos da História: Operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.